



Anotáveis  
 Gêneros  
 Mimese  
 Estética

Pode-se dizer que as teorias simbolistas tiveram, entre outras coisas, o papel fundamental de chamar a atenção para a visão da obra como algo construído, o que implica uma preocupação declarada com o problema da forma. De maneira simplista, diz-se, às vezes, que o Romantismo é conteudista e os movimentos a partir do Simbolismo, formalistas. No entanto, como já se viu aqui, a estética romântica não se resume ao mero ato de privilegiar o conteúdo, já que este só se concretiza na exteriorização da forma. Por outro lado, os simbolistas, discutindo o problema da forma, estão implicitamente preocupados com o conteúdo. O sonho da “pura forma”, sem qualquer conteúdo, aparece em Flaubert, mas com plena consciência de que se trata apenas de sonho, e é muito discutível que fosse um sonho desejável. As teorias do século XX continuam voltadas para o aspecto da construtividade, mas, como se pode perceber na leitura dos grandes expoentes, a partir de T.S. Eliot, não se trata da abolição do conteúdo ou de seu desprestígio. Pode-se até dizer que se fala no século XX em forma, mas entendida esta como o todo da obra, onde forma e conteúdo não se dissociam.

Pode-se dizer que o século XX, até um certo momento, esteve às voltas com o problema da conceituação de forma

e conteúdo. Nesta discussão o século XX volta a repensar o valor da palavra no uso artístico, quando ela não é utilizada apenas como símbolo de troca (conceito), mas por todo seu aparato físico, desde o potencial de sugestão sonora a casos de exploração da forma gráfica.

### Jean-Paul Sartre

Sartre utiliza esta mesma distinção para diferenciar a poesia da não-poesia. Na primeira ele detecta a palavra com valor duplo: a “palavra-signo” (transparente) e a “palavra-coisa” (opaca)<sup>98</sup>. Na obra não-poética Sartre detecta apenas a “palavra-signo”, o que valeria dizer que a opacidade seria atributo específico da poesia. Pode-se levantar uma questão sobre a prosa literária. Seria nesta a palavra apenas transparente? A verdade é que a grande obra literária apresenta duas características fundamentais. Por um lado, como toda verdadeira obra de arte, ela é única, irreprodutível e não pode ser transmitida a não ser em sua forma integral (o próprio problema da tradução está marcado por essa irreprodutibilidade essencial). Por outro lado, a grande obra literária admite um número infinito de leituras, de experiências contemplativas, independentemente de ser prosa ou verso. Pode-se dizer, com Umberto Eco, que ela é “aberta”. O que explicaria essas duas características? No caso da poesia a explicação parece mais fácil: a opacidade da palavra poética confere-lhe, por um lado, a irreprodutibilidade e, por outro, a possibilidade de contemplação inesgotável. Relatar as idéias básicas de um poema não é absolutamente transmitir a idéia do que ele seja realmente, pois, em última análise, não se confunde com

98. Jean-Paul Sartre – *Qu'est-ce que la Littérature?*, O.C., nota 19. Leia-se, por exemplo, p. 62-5 da tradução, e da p. 16-9 do original.

